

Afinal, por que sou professor?

After All, why am I an Educator?

Elisângela Regina Selli Melz¹, Lucilene Dal Medico Baerle¹,
Rafael Antonio Zanin¹, Rodrigo Cardoso Costa¹

RESUMO

Refletindo sobre nossa atuação profissional em meio à sociedade contemporânea, surgiu o questionamento: Afinal, por que sou educador? E a partir disso: Para quem, para quê e por que a educação, que está posta, serve? Enquanto educadores de escola pública federal, percebemos o quanto nossa prática ainda é tecnicista e empobrecida das reflexões cruciais sobre o processo civilizatório. Desse modo, este artigo objetiva estabelecer o papel do educador frente às variáveis contemporâneas. Para tal, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, pautando-se na literatura sobre a temática, balizando as discussões e reflexões. Na tentativa de responder à problemática de pesquisa, o artigo foi dividido em três seções: o papel do educador; o processo educativo como uma variável contemporânea; e, a imbricação da equação civilizatória com a Educação. Alcançar o objetivo da pesquisa, mostrou-se uma reflexão complexa, contudo, evidenciamos que o educador possui inúmeras possibilidades de incorporar as variáveis contemporâneas no processo educativo.

Palavras-chave: Processo educativo; Equação civilizatória; Variáveis contemporâneas.

ABSTRACT

Reflecting about our professional performance in the midst of contemporary society, the question arose: After all, why am I an educator? And then: Who for, what for, and why is education useful? As federal public school educators, we realize how much our practice is still technicist and impoverished by crucial reflections on the civilizing process. Therefore, this article aims to establish the role of the educator in the face of contemporary variables. To this end, a bibliographical research was carried out, based on the literature about the thematic, marking the discussions and reflections. In an attempt to answer the research problem, the article was divided into three sections: the role of the educator; the educational process as a contemporary variable; and, the imbrication of the civilizing equation with the education. Reaching the research objective proved to be a complex reflection; however, it is evident that the educator has numerous possibilities of incorporating contemporary variables in the educational process.

Keywords: Educational process; Civilizational equation; Contemporary variables.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - IFC. E-mail: elisangela.melz@ifc.edu.br

INTRODUÇÃO

Afinal: por que sou professor? Essa pergunta nos motiva a refletir sobre nossa prática docente. Para quem, para quê e por que a educação, que está posta, serve? Esses questionamentos nos incomodam e indignam, pois enquanto professores de escola pública federal percebemos o quanto nossa prática ainda é tecnicista e empobrecida das reflexões cruciais sobre o processo civilizatório.

Essas reflexões nos remetem a John Casti (2012), que discute algumas problemáticas de ordem mundial, as quais estão excluindo e dizimando seres humanos do nosso planeta, tendo como consequência o desequilíbrio da natureza. O autor afirma:

UMA AMEAÇA OCULTA PAIRA NO AR: o fracasso absoluto da chamada civilização avançada. Um mundo industrializado tornou-se um sistema complexo como nunca se viu antes. Cada vez mais dependente de novas tecnologias, globalizado e interconectado, ele parece oferecer infinitas possibilidades de consumo, conforto e oportunidades. Contudo, o equilíbrio da sociedade moderna pode ser tão frágil quanto o de um castelo de cartas. Basta um empurrãozinho do inesperado para pôr em xeque todo o modo de vida contemporâneo (CASTI, 2012, s.p.).

Por que nós, enquanto educadores, precisamos pensar sobre essas problemáticas conduzidas por John Casti, em seu livro “O colapso de tudo”? O que essas problemáticas têm a ver com a educação atual? O autor aponta onze preocupações, as quais tinham e ainda têm grandes chances de ocorrer, cujos problemas, caso venham a acontecer, são capazes de conduzir a humanidade à idade das trevas. Nessa perspectiva, como estamos preparando nossos jovens a enfrentar essas problemáticas mundiais?

Traremos neste artigo, além de Casti (2012), Masi (2019, s.p.), visto que este segundo autor afirma que estamos “Despreparados frente às profundas e cada vez mais rápidas mudanças, continuamos em busca de soluções que já são viáveis: reduzir a jornada de trabalho e desfrutar de todos os recursos que a tecnologia nos proporciona”.

Essas reflexões nos conduzem a Postman e Weingartner (1978, p. 20), uma vez que esses autores nos remetem a questões importantes sobre a educação, escola e professor quando questionam “De quem é que, em última análise, as escolas são e os interesses de quem devem estar elas preparadas para servir?”

Enguita (1989), ao discorrer sobre o surgimento das escolas de massas, afirma que, por um longo período, se defendeu a narrativa de uma educação para o povo. Contudo, por um lado, necessitou-se da instituição escolar para aceitação da nova ordem

e reduzir o poder da Igreja. Já por outro lado: “[...] temiam as consequências de ilustrar demasiadamente aqueles que, ao fim e ao cabo, iam continuar ocupando os níveis mais baixos da sociedade, pois isto poderia alimentar neles ambições indesejáveis” (ENGUITA, 1989, p. 110).

Aponta ainda que, deste modo, a escola tinha como função amansar, domesticar e atribuir disciplina. Em sua obra o autor demonstra o papel atribuído ao processo educativo ao afirmar que “[...] educá-los, mas não demasiadamente. O bastante para respeitarem a ordem social, mas não tanto que pudessem questioná-la” (ENGUITA, 1989, p. 112). Apesar disso, o processo educativo pode servir tanto para legitimar o poder hegemônico, quanto para atuação crítica no seu meio social.

A partir disso, traremos o entendimento de Bazzo (2016; 2019), sobre a equação civilizatória e as variáveis contemporâneas em meio ao processo civilizatório e as imbricações desses fatores com a educação. Entendemos que esta se destaca no processo de humanização, devido à possibilidade de repensar o que está posto, tanto no processo educativo quanto na sociedade.

Sabemos que para qualquer alteração significativa nos resultados que definirão o comportamento e a sobrevivência das gerações presentes-futuras, precisamos conhecer o que subjaz à educação no âmago dos interesses da classe dominante, e de que maneira podemos seguir construindo uma nova e mutante equação civilizatória (BAZZO, 2016, p. 88).

Continuando, Bazzo (2016, p. 88) afirma que: “Eis o antídoto para a educação adestradora, que segue sendo a prioridade do poder hegemônico: uma educação “desobediente” e menos comportada”. O que nos remete a Civiero e Bazzo:

O acirramento da condescendência da formação de professores às demandas hegemônicas do capital(,) se estabelece como um dos maiores legados para o século XXI. Isso significa que a formação de professores está organizada para a consolidação de uma educação mercadológica, cujos principais parâmetros de ensino estão vinculados à realidade de crescente aumento dos lucros e da produtividade econômica. Significa a conformação de uma classe pronta a executar ordens (CIVIERO; BAZZO, 2020, p. 80).

Ao citar esses autores, além de outros que poderão emergir das discussões e reflexões aqui postas, este artigo objetiva estabelecer o papel do professor frente às variáveis contemporâneas. Portanto, nossa pesquisa foi de cunho bibliográfico, à medida que iremos nos pautar na literatura sobre a temática, buscando dialogar com diversos autores pertinentes à discussão e reflexão. Com base na pesquisa realizada, temos a intenção de considerar o “processo educativo” como uma variável contemporânea, devido

à ação transformadora que a educação pode proporcionar na sociedade por meio de reflexões e debates, com vistas para discussões sobre a garantia da mínima dignidade humana².

Com essa perspectiva, de forma ousada, objetivamos considerar o sistema educacional como uma das variáveis contemporâneas do processo civilizatório. Por meio desta variável pretendemos dialogar, discutir, refletir sobre outras variáveis da sociedade. Consideramos que esse diálogo é necessário e urgente, pois acreditamos que é por intermédio deste processo que a humanidade pode se aperfeiçoar e se permitir a discussões com foco no coletivo.

Temos a convicção que as várias problemáticas podem ser esclarecidas ou repensadas, no processo educativo, de forma a causar mudanças no modo de pensar e agir do ser humano. Com isso, buscaremos a imbricação da educação com a equação civilizatória como forma de tensionar o processo civilizatório em curso e das próximas gerações de indivíduos de nossa sociedade.

Compreendemos que a equação civilizatória pode ser a ferramenta de aproximação entre educação e realidade de uma forma sensível, humanamente falando. Entendemos que essa aproximação pode causar impactos e, quiçá, mudanças na maneira coletiva de perceber as variáveis contemporâneas no processo educacional, assim como no seu entorno. Dessa forma, com indivíduos mais conscientes e críticos sobre o problema da desigualdade social, podemos observar sinais de avanços para a garantia da mínima dignidade humana.

O PAPEL DO PROFESSOR

Os autores Casti (2012) e Masi (2019) discutem sobre questões dos desequilíbrios causados pela humanidade por meio de suas ações de ganância, luta pelo poder, entre outras variáveis, que por sua vez causam maior desigualdade social. Compactuamos com esses autores que essas ações promovem o distanciamento de muitos indivíduos da mínima dignidade humana. Para Masi (2019) faz menção ao que conceitua de "bizarrices", quanto aos fatos que ocorrem na humanidade, de forma a aumentar o

² Esses princípios são assegurados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e pela Constituição Federal de 1988. A dignidade é um atributo humano sentido e criado pelo homem; por ele desenvolvido e estudado, existindo desde os primórdios da humanidade. Princípios básicos são o direito a comer, vestir, morar, ao acesso à educação e à saúde. Consta do art. 1º, III da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988).

desequilíbrio da sustentação da vida neste planeta. Elenca: a falta d'água no planeta e a forma como ela é distribuída; a relação entre produção de alimentos e a fome; renda mundial; distribuição geográfica; emigração; e, por fim, questiona: “Como os seres humanos correm em busca de uma solução frente a essas bizarrices do planeta que eles mesmos contribuíram para acentuar?” (MASI, 2019, p. 248). Prossegue, asseverando: “O que continua difícil é acreditar que essas cruéis bizarrices do nosso mundo sejam prova da existência de um criador” (MASI, 2019, p. 248).

Na década de 1970, Postman e Weingartner já questionavam alguns desses problemas vivenciados diariamente pela humanidade, afirmando que

[...] todos eles estão relacionados com o "progresso", uma manifestação um tanto paradoxal que resultou em outros tantos problemas: o da poluição atmosférica, o da poluição das águas, o da remoção do lixo, o da radioatividade, o da megalópole, o dos ruídos dos jatos supersônicos, o do trânsito e ainda os problemas do "quem sou eu?" e do "que significado tem todo este negócio?" (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 14).

Esses autores questionam também o que “podemos fazer, se é que podemos fazer alguma coisa, a respeito de todos esses problemas?” (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 14). Verificamos que essas problemáticas mundiais fazem parte de diálogos de muitos autores, atualmente, os quais passam a questionar o momento vivido e as variáveis da realidade contemporânea. São reflexões que perpassam por Masi (2019), Harari (2018), Galeano (2020), entre outros autores, que estão preocupados com o que vem ocorrendo no planeta e questionando sobre o que a humanidade pode, ou deve fazer para alterar esse processo civilizatório. Como contribuição aos questionamentos contemporâneos, apresentamos a seguinte questão: Quais revoluções devem ocorrer em nossa sociedade para que possamos observar as mudanças significativas do pensamento e consciência coletiva, a fim da manutenção da sobrevivência humana de forma digna?

O ponto em comum desses autores são as análises reflexivas sobre a realidade, no entanto, os mesmos também apontam caminhos passíveis de solução. Identificamos, de forma implícita, que a educação é a variável contemporânea que tem a possibilidade de propor reflexões com vistas para soluções às problemáticas da sociedade.

Masi (2019) nos provoca a refletir como essas variáveis se relacionam com a educação. Esse autor entende que a escolarização expande conforme “demanda por participação das bases na elaboração do projeto do futuro e nos processos de decisão que lhes dizem respeito, obrigando as escolhas coletivas e as atividades de coordenação a formas mais arquitetadas” (MASI, 2019, p. 351). Nesse entendimento, a educação pode

catalisar ações voltadas para o bem social de forma igualitária. Entretanto, Postman e Weingartner alertam para o fato que

Não somos tão ingênuos e românticos ao ponto de acreditar que todos os problemas acima enumerados são suscetíveis de solução. . . através da educação ou de qualquer outra coisa. Mas alguns podem ser solucionados e talvez mais diretamente através da educação do que por quaisquer outros meios (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 15).

Concordando com Postman e Weingartner, passamos a refletir sobre o papel dos professores, diante da realidade exposta por todos os autores citados. Propondo repensar esse fazer pedagógico com um olhar aos sujeitos que fazem parte do ambiente escolar, ou seja, professores e alunos. Todavia, pretendemos compreender, se é que isso será possível, o papel do professor, levando em consideração as problemáticas atuais, as variáveis contemporâneas e as estratégias para resolver esses problemas por meio da educação.

Acreditamos em uma educação que possa conduzir os sujeitos envolvidos para além do método que, segundo o entendimento de Postman e Weingartner (1978, p. 46), “resume-se a um conjunto de perguntas feitas pelo professor, texto ou máquina, cujo objetivo é levar o aluno a apresentar as respostas certas - respostas que o professor, texto ou máquina sabiam o tempo todo”. Neste sentido, Harari afirma que

[...] a última coisa que um professor precisa dar a seus alunos é informação. Eles já têm informação demais. Em vez disso, as pessoas precisam de capacidade para extrair um sentido da informação, perceber a diferença entre o que é importante e o que não é, e acima de tudo combinar os muitos fragmentos de informação num amplo quadro do mundo (HARARI, 2018, p. 322).

Verificamos também em Postman (2002, p. 119), que “os professores estão propensos a se imaginarem como verdadeiros narradores que esperam estender a inteligência dos alunos revelando-lhes, ou levando-lhes a descobrir, verdades incontestáveis e ideias duradouras”. Diante do exposto, até o momento seria heresia conceber o papel principal do professor ou de simples detentor de informações, como sendo o que vai construir, transmitir e ensinar conhecimentos. Talvez possamos ousar metaforicamente com Postman (2002, p. 119), quando este sugere que os professores sejam “como detectores de erro que têm esperança de estender a inteligência dos alunos ajudando-os a reduzir os equívocos em seu conhecimento e suas habilitações”. Desta forma, continua o autor, “os professores se mostram menos interessados em tornar os alunos sagazes e mais interessados em tornar os alunos menos bobos”.

Ensinar é um dos papéis principais do ser professor, que se afirma com o transmitir conhecimento sobre algo. Conhecimento que já foi aprendido na sua formação e que,

portanto, já é sua escolha de matéria pela habilidade e facilidade em transmiti-la. Para Postman e Weingartner (1978, p. 55) “Parece dar a entender que "ensinar" é, meramente, aquilo que o "professor" faz e que, por sua vez, poderá ou não ter relação com o que fazem aqueles que estão sendo "ensinados””.

Nessa perspectiva, a sociedade necessita repensar a formação deste profissional, todavia, e principalmente, repensar os papéis de professor e aluno nesse processo educacional. Para tanto, também se exige deste docente uma autocrítica de forma honesta, referente à sua prática, enquanto profissional da educação. Questionamentos que Postman e Weingartner já elencaram em 1978:

1. Em que medida a minha formação me impede de compreender o comportamento desse estudante?
2. Os meus próprios valores são muito diferentes dos desse estudante?
3. Até que ponto me esforcei por compreender as coisas do ponto de vista desse estudante?
4. Em que medida estou premiando ou punindo o estudante pela sua aceitação ou rejeição de meus interesses?
5. Até que ponto estarei premiando um estudante por dizer, meramente, o que eu quero ouvir, que ele acredite ou não, quer compreenda ou não, aquilo que está dizendo? (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 214).

Perturbadoras podem ser as possíveis respostas a essas perguntas, também porque nos conduz ao nosso questionamento inicial: por que, afinal, sou professor? Esse tipo de questionamento já foi elaborado por Postman e Weingartner em 1978, “O processo, uma vez deslanchado, leva em muitas direções inesperadas mas, com mais freqüência, à pergunta: "Afinal de contas, por que é que sou professor?””(1978, p. 222). Os autores afirmam que o objetivo principal do professor requer uma postura de estabilidade diante as mudanças e por fim “ajudar todos os estudantes a desenvolverem "detectores de lixo" à prova de choque, como equipamento básico em seu ferramental de sobrevivência” (1978, p. 235).

Historicamente, a educação é caracterizada pela visão tecnicista, todavia, tornou-se urgente as reflexões sobre o processo educativo como uma variável contemporânea. Nesta perspectiva, iremos, de forma insubordinada, considerar o processo educativo como uma variável contemporânea nessa equação civilizatória defendida por Bazzo. Assim como essa forma de discussão dos problemas da sociedade pode contribuir para o processo civilizatório que está em movimento.

O PROCESSO EDUCATIVO COMO UMA VARIÁVEL CONTEMPORÂNEA

Obviamente estamos em um movimento ousado, quando propomos o processo educativo como uma variável contemporânea. Mas, por que fazê-lo? Tentaremos elucidar a questão trazendo em voga a concepção da educação para a sociedade, exposta por Postman e Weingartner (1978, p. 17), quando afirmam que é por meio da educação que se “desenvolve na juventude uma competência para aplicar as melhores estratégias existentes na luta pela sobrevivência em um mundo repleto de conflitos, incertezas e oportunidades sem precedentes”.

Refletimos aqui com Galeano (2020, p. 30), quando nos remete a pensar que “Nestes tempos neoliberais, os direitos públicos se reduzem a favores do poder, e o poder se ocupa da saúde pública e da educação pública como se fossem formas de caridade pública em véspera de eleições”. Postman e Weingartner (1978, p. 20), já elucidaram sobre esta questão afirmando que:

Homens como esses preferem muito mais que as escolas pouco ou nada façam para encorajar os jovens a inquirir, duvidar ou contestar qualquer setor da sociedade em que vivem, especialmente aqueles setores que são os mais vulneráveis. "No fim de contas," dizem os homens práticos, "são as nossas escolas e deviam promover os nossos interesses, e isso também faz parte do processo democrático." Certo; e aqui temos um sério ponto de conflito. De quem é que, em última análise, as escolas são e os interesses de quem devem estar elas preparadas para ser?

Compreendemos que “A educação escolar é moldada de forma estreitamente vinculada com as relações de poder na sociedade” (CIVIERO; BAZZO, 2020, p. 83). No contexto histórico-cultural do processo educativo, a escola e a universidade são locais para além da aprendizagem de conteúdos disciplinares. Ressaltamos com Schönardie (2014), que o âmago da educação do ser humano está na tomada de consciência social sobre suas ações para com seu semelhante e natureza deste planeta. Também estamos de acordo com Gobbo (2020, p. 50), quanto ao sistema educacional, o qual “precisa reconhecer que a sociedade está em constantes, aceleradas e ubíquas mudanças” e que “compete a esse sistema desenvolver as atitudes e aptidões de crítica social, política e cultural” (*Ibidem*). Já Civiero e Bazzo (2020) compartilham e defendem

[...] a ideia de que a educação não deve servir como reprodução passiva de relações sociais existentes, estando subordinada ao poder hegemônico. Isso, entretanto, requer se colocar em um patamar de subversão, em um sistema altamente entrelaçado com as relações de poder, e se mover em contraposição ao historicamente postulado (CIVIERO; BAZZO, 2020, p. 84).

Validando a narrativa acima fica evidente que o processo educacional está obsoleto, pois ainda nos reportamos a um modelo da época da Revolução Industrial, o qual necessita uniformizar ações didáticas pedagógicas em concordância com um resultado previamente estabelecido. Nessa perspectiva, ao manter esse modelo estamos dizimando talentos, uma vez que o processo educacional não está voltado à humanização. Isso nos leva a crer que

[...] carecemos de menos aulas e mais aprendizagem de modo que, desta maneira, consigamos devotar a educação dos indivíduos aos aspectos tido como exclusivamente humanos, como, por exemplo: pensamento crítico, capacidade de questionar e interpretar as informações, criatividade e inovação (GOBBO, 2020, p. 38).

Na visão de Silva e Kayser (2015, p. 6), “a educação pode ser compreendida como um fenômeno revelado ao homem, uma vez que este está em constante processo de transformação”, pois se trata de “um sujeito inacabado e que precisa adquirir conhecimento” (*Ibidem*). Sabemos que os seres humanos são inseridos no processo educativo já nos primeiros anos de vida, e sua interação social tem início no núcleo familiar e continua por toda sua vida em meio à sociedade em que vive. Para Vygotsky (2001, p. 67) um indivíduo é inserido no convívio social desde a primeira infância, cujo “movimento real do processo de desenvolvimento do pensamento infantil não se realiza do individual para o socializado, mas do social para o individual”.

Conforme Schönardie (2014, p. 6), a perspectiva vygotskiana leva ao entendimento que “os seres humanos se constituem como “seres” a partir do contexto social em que vivem”. Nessa perspectiva, o autor (2014, p. 6) entende que o “ser humano age sobre o meio, mas que, ao mesmo tempo, o meio age sobre o humano”. Desse processo de interação entre seres humanos, sociedade e natureza, compreendemos que emerge o processo educativo. Sobre essa interação, Postman e Weingartner (1978) sugerem

[...] estratégias para a sobrevivência, tal como poderiam ser desenvolvidas em nossas escolas e a situação exige respostas vigorosas e significativas. Acreditamos que as escolas devem servir como o meio principal para o desenvolvimento nos jovens de atitudes e aptidões de crítica social, política e cultural (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 20).

Esses autores, em certa medida, configuram o processo educativo como uma variável contemporânea devido à forma de pensar de cada época do desenvolvimento social. Enquanto membros da sociedade humana, a qual se encontra num processo civilizatório totalmente desigual, os professores precisam pensar o fazer pedagógico a fim

de validar as variáveis contemporâneas como parte do processo educativo. Com base nessa justificativa, consideramos o processo educativo como uma das variáveis contemporâneas discutidas dentro do conceito da equação civilizatória.

Entendemos que a educação está inserida no âmago da sociedade, por ser “a única instituição em nossa sociedade que é imposta a todos e o que acontece na escola tem grande influência para o bem ou para o mal” (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 15). Compreendemos que, por meio do processo educativo, mudanças significativas podem ocorrer quanto à consciência social. Postman e Weingartner (1978), evidenciam isso ao afirmar que

[...] não existe função mais importante a cumprir pela educação do que a de ajudar-nos a reconhecer o mundo em que atualmente vivemos e, simultaneamente, auxiliar-nos a dominar conceitos que incrementem a nossa capacidade de enfrentá-lo com êxito. Esse é o critério essencial para julgar a relevância de toda a educação (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 267).

Compactuando, Morin (2021, p. 65) afirma que “A EDUCAÇÃO deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão”. Defende ainda que “desde a escola primária, dar-se-ia início a um percurso que ligaria a indagação sobre a condição humana à indagação sobre o mundo (MORIN, 2021, p. 76). A finalidade do processo educativo, enquanto variável contemporânea, é perceber com urgência que

[...] nossos estudantes necessitarão de oportunidades cada vez mais freqüentes para pensar sobre os problemas de um modo aberto; isto é, para fazer opções e encontrar soluções. Os problemas fechados, simplesmente, deixam de fora coisas demais para que uma resposta viável possa ser produzida sobre qualquer questão, exceto uma de tal modo abstrata que a resposta não faz diferença alguma para os seres humanos, empenhados em lidar satisfatoriamente com um meio-ambiente em permanente mudança (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 160).

Nessa perspectiva, é necessário considerar o processo educativo como uma variável contemporânea, para que possamos discutir em seus segmentos as variáveis que fazem parte da sociedade e suas influências para a evolução humana, tendo em mente a diminuição da desigualdade humana. Com essas reflexões no ambiente escolar esperamos mudanças que podem ocorrer na sociedade por meio do processo educativo. Também, sabemos que para que isso ocorra, é necessária e urgente mudanças de posturas frente às variáveis, entendimento que professores e alunos são sujeitos deste processo e podem conduzir esse movimento.

A fim de fazer um diálogo entre o processo educativo e as variáveis contemporâneas, iremos aproximar a educação com o princípio elementar da equação civilizatória. Esse princípio pode ser compreendido como uma forma diferente de entender o mundo à nossa volta, cuja metáfora matemática ganha *status* de ferramenta importante para iniciar e aprofundar discussões sobre a garantia da mínima dignidade humana. Em razão de averiguarmos que, em nossa sociedade, vinculam contextos de “novas variáveis, as quais os jovens estudantes precisam aprender a equacioná-las para ajudar a aprimorar as relações sociais, o que favorecerá a efetivação dos princípios de equidade no processo civilizatório em curso” (BAZZO, 2016, p. 79).

IMBRICAÇÃO DA EQUAÇÃO CIVILIZATÓRIA COM A EDUCAÇÃO

Na visão de Bazzo (2019, p. 21), a equação civilizatória pode ser considerada como “uma panaceia para reunir as mais diferentes variáveis que surgem a todo instante em uma civilização que está vulnerável às mais aceleradas mutações em seu comportamento cotidiano”. Consequentemente existe urgência em “proporcionar reflexões e alterações nas nossas formas de trabalhar o conhecimento em tempos tão sisudos dos problemas humanos” (BAZZO, 2019, p. 20).

Concordamos que “Metaforicamente, ao resolver a equação com as variáveis contemporâneas, teríamos como objetivo pelo menos garantir os direitos à dignidade humana” (CIVIERO, VELHO, 2020, p. 27). No entanto, muitas questões nos acometem nesse instante: Como garantir a mínima dignidade humana por meio do processo educativo? Como trabalhar no âmbito escolar as variáveis contemporâneas que interferem na dignidade humana? Como resolver essa equação, que nos parece pertinente a toda sociedade? Como a sociedade deve agir para que se diminua a desigualdade humana? Porém, antes de tudo estamos de acordo com a defesa

[...] da urgente necessidade de superarmos a letargia cerebral que acomete boa parte da população para reflexionarmos uma educação que seja capaz de fazer com que tanto o real quanto o material possam ser pautas de discussões em salas de aula, de forma conjugada aos conteúdos curriculares que são pertinentes a cada disciplina. Afinal, entendo que o bem-viver só será alcançado por meio da reflexão, da análise e da predisposição das comunidades escolares e sociais em elucidarem essa enigmática Equação Civilizatória que abarca uma infinidade de variáveis contemporâneas que se ampliam a todo instante e que avultam essa convulsionada civilização (GOBBO, 2020, p. 31).

Nessa perspectiva, o autor compreende que a equação está disposta em partes em relação à educação contemporânea. Uma parte é o “estudante, no entanto, a outra é o professor, ao qual é oportuno avocar as tecnologias que, se não são capazes de resolverem todos os problemas que estão envolvidos nesse meio, podem auxiliar nessa evolução” (GOBBO, 2020, p. 114). Para Gobbo (2020, p. 158), os professores “percebem que a eles compete desenvolver habilidades como criatividade, trabalho colaborativo, comunicação e pensamento crítico sobre as infinitas variáveis contemporâneas que influenciam essa complexa equação civilizatória”. Em face do exposto, é importante

Buscar nas variáveis contemporâneas materiais para explorar as discussões, mesmo que virtuais. Usar os conteúdos programáticos como uma base para propor investigações, interpretações e reflexões que deem conta de preparar os sujeitos para enfrentar a realidade dessa equação civilizatória (CIVIERO, VELHO, 2020, p. 27).

Nesse entendimento, percebemos que a educação merece um projeto de formação humanizadora que perpassa pelas variáveis contemporâneas, buscando se aproximar das problemáticas da sociedade e, por vezes, provoque mudanças de ações que maximizem a mínima dignidade humana. Nesse sentido da imbricação da Educação com a equação civilizatória, fica evidente a sobreposição desses elementos nas ações coletivas voltadas para o bem-estar social. Todavia,

[...] reside na visão do Estado-nação de cuidar do presente e futuro, portanto, de um projeto de formação humana. Porque sedimentado por uma educação crítica, emancipatória e generosa, em que a saúde e a segurança sejam bens inalienáveis, esse Estado haverá de inaugurar uma conjuntura de bem viver, zelando pela geração de hoje e de amanhã (BAZZO, 2016, p. 90).

Para Bazzo (2019), a metáfora da equação civilizatória tem relação com a felicidade humana quanto ao reconhecimento, relevância ou consideração social. No entendimento de Civiero (2021), a equação civilizatória perpassa os princípios da dignidade humana. Neste sentido, ponderamos sobre a equação civilizatória, compreendendo-a como um instrumento importante de análise do real (CIVIERO, 2021).

Em nossa concepção, uma educação verdadeiramente humanizadora pressupõe algumas condições coletivas elementares, tais como: autocompreensão, condição para a humanização e capacidade de administrar conflitos. As condições elencadas, juntamente com outras não citadas aqui, formam um bojo discursivo que sucinta reflexão em todos os segmentos da sociedade. Sobre a perspectiva da possibilidade da discussão, reflexão e aprendizagem, a educação sobreposta à equação civilizatória e associada às tecnologias disponíveis para promover o bem-estar humano, podemos

[...] edificar uma sociedade mais ética, igualitária e fundamentada sobre pilares plenamente democráticos; para que tanto a ciência quanto as tecnologias sejam postas como instrumentos para o bem-comum – gerando e distribuindo riquezas – de modo que a humanidade possa viver em estado de felicidade (GOBBO, 2020, p. 210).

Reconhecemos que existe complexidade quanto à inserção das variáveis contemporâneas em meio ao currículo de todos os níveis educacionais. Porém, maior do que essa complexidade é o sentimento de indispensável. Na perspectiva desse sentimento, os agentes educacionais devem correlacionar o processo civilizatório com a formação profissional, via enfrentamento das questões cruciais que promovem as desigualdades sociais do mundo. Por isso, defendemos que a educação seja tratada como variável contemporânea, já que, a cada nova geração de pessoas, a formação humana e cultural exige novas reflexões, a fim de alinhar objetivos referentes à igualdade e à garantia da mínima dignidade humana.

EXPANDINDO AS REFLEXÕES: OU À GUIA DE CONSIDERAÇÕES

O processo educativo centrado em um olhar tecnicista, convergindo para o ensino de conteúdos e técnicas, em geral, desconexos de qualquer aspecto do processo civilizatório, tende para a discrepância da condição de vida dos seres humanos. Desse modo, a inclusão de uma ou mais variáveis contemporâneas na formação de jovens e adultos podem contribuir com a garantia da mínima dignidade humana, devido às oportunidades de discussão e reflexão sobre o problema da desigualdade humana.

Aliando com essa oportunidade de discussão, compreendemos que existe a necessidade de mudanças urgentes nas posturas dos professores frente ao entendimento dessa equação civilizatória. Visto que já elencamos a importância da equação civilizatória para o entendimento da realidade que vivemos. Consideramos relevante que “Por enquanto, queremos apenas sublinhar que, quando o professor assume novas funções e manifesta diferentes comportamentos, os seus estudantes fazem o mesmo. Está na própria natureza de suas transações recíprocas” (POSTMAN; WEINGARTNER, 1978, p. 56).

O conhecimento de todas as disciplinas “se envolve como parte do alicerce dessa sociedade, emergindo, assim, a necessidade de questionar a sua posição nessa laboriosa equação civilizatória” (CIVIERO; BAZZO, 2020, p. 77). Para tanto, passamos a nos questionar para quê, por quê, e para quem serve essa educação? Bazzo (2019, p. 184) nos provoca afirmando que a equação civilizatória “já foi detectada há muito tempo, mas a educação ainda não se preocupa em resolvê-la nem ao menos analisá-la”.

O exercício de tentarmos responder à questão que forma o título deste manuscrito mostrou-nos o quão complexo e importante é a profissão do professor, frente às questões cruciais para consolidação de uma sociedade mais justa e igualitária do ponto de vista da dignidade humana. A resposta desta questão requer uma reflexão profunda sobre as variáveis contemporâneas, as quais podem ser discutidas por meio da equação civilizatória. Em nossas reflexões, verificamos o quanto ainda somos tecnicistas, e o quanto não consideramos a realidade onde a escola está inserida, em nossas ações docentes. Mesmo assim, compreendemos que o professor tem inúmeras oportunidades de trabalhar os conteúdos do conhecimento com viés humanista.

Nesta perspectiva, novos questionamentos são reformulados: Qual seria o papel da educação diante desta sociedade convulsionada pela desigualdade? A quem deveria servir a educação? Seria a equação civilizatória uma ferramenta pertinente para que a educação se torne uma variável contemporânea efetiva de ações que contemplem, por meio de reflexões, debates e produções, a garantia da mínima dignidade humana? E novamente, diante desses novos questionamentos, afinal por que sou professor?

REFERÊNCIAS

BAZZO, W. A. Ponto de Ruptura Civilizatória: a Pertinência de uma Educação “Desobediente”. **Revista CTS**, n. 33, v. 11. Set. 2016, p. 73-91.

_____. **De técnico e de humano: questões contemporâneas**. 3.ed. Ver. E atual. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2019.

BRASIL (Estado). Constituição (1988). Lei n. 01, de 05 de outubro de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1. ed. Brasília - Distrito Federal, DF: Diário Oficial, 05 out. 1988. v. 1, n. 191, Seção 1.

CASTI, J. **O colapso de tudo: os eventos extremos que podem destruir a civilização a qualquer momento**. Tradução de Ivo Korytowski e Bruno Alexander. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

CIVIERO, P. A. G. **Relatório de pós-doutoramento: Gênese e desenvolvimento do conceito de equação civilizatória na sociedade contemporânea**. Florianópolis: UFSC, 2021. 33 p.

_____; BAZZO, W. A. **A equação civilizatória e a pertinência de uma Educação Insubordinada**. *International Journal for Research in Mathematics Education*, v. 10, n. 1, p. 76-94, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37001/ripem.v10i1.2204>. Acesso em: 6 jan. 2021.

_____; VELHO, R. S. **Da Utopia 4.0 ao Caos da mão invisível: a pandemia tecnológica**. v. 1, n. 3, 2020. SINASEFE LITORAL.

- ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- GALEANO, E. H., **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso.** Tradução de Sergio Faraco: com gravuras de José Guadalupe Posada. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2020.
- GOBBO, A. **A Quarta Revolução Industrial e seus impactos na Civilização e na Educação 4.0: muitas variáveis de uma nova e complexa equação civilizatória.** 2020. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de PPGECT, UFSC, Florianópolis, 2020.
- HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21.** Tradução de Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MASI, D. de. **Uma simples revolução.** Tradução de Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 26ª edição. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2021.
- POSTMAN, N. **O fim da educação: redefinindo o valor da escola.** Tradução José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- POSTMAN, N.; WEINGARTNER, C. **O ensino como revolução social.** Tradução Álvares Cabra. 4 ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1978.
- SCHÖNARDIE, P. A. O Processo Educativo na Perspectiva Histórico-Cultural. **Contexto & Educação**, Ijuí - RS, n. 93, p. 4-21, 2014.
- SILVA, M. A. da; KAYSER, A. M. **O papel da educação contemporânea: uma reflexão a partir da pedagogia da autonomia de Paulo Freire.** Dynamis, Blumenau, v. 21, n. 2, p. 3-15, 2015.
- VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução por Paulo Bezerra

Recebido em: 03/07/2022

Aprovado em: 06/08/2022

Publicado em: 11/08/2022.